

TERESA DE SALDANHA E A RENOVAÇÃO RELIGIOSA EM PORTUGAL
CONFERÊNCIA PROFERIDA PELO
DR. ANTÓNIO MANUEL ANTUNES DE MATOS FERREIRA
FÁTIMA, 8 DE JULHO DE 2000

Os cristãos são aqueles que na vida vão dando uns aos outros e uns com os outros o testemunho de que a vida tem sentido.

A minha função como historiador leva-me a tratar estas coisas com alguma distância, a distância crítica, para uma objectividade que com os nossos olhos humanos não tenhamos medo de olhar de maneira frontal e crítica a história.

A fé, a experiência de fé autêntica, resiste a qualquer crítica, porque a fé não é construção nossa é um dom que recebemos e como dom não precisamos de ter medo. O traço geral que encontro em Teresa de Saldanha é o de uma mulher de fé. Penso que, com rigor, de quem estamos a falar é de uma mulher que centrou a sua vida em Jesus Cristo, e isto, parece-me importante como historiador, pois como historiador não ando à procura da mulher extraordinária. O extraordinário, para mim, em Teresa de Saldanha é o centro da sua vida em Jesus. Isto parece tão comum num país onde nós todos somos católicos e se diz de maioria católica, onde a actividade religiosa é a actividade do hábito.

Teresa de Saldanha, com rigor de análise do seu percurso, centrou a vida em Jesus Cristo. Isto pode parecer estranho para um historiador, mas sem a questão de Jesus não podemos compreender o papel de Teresa de Saldanha na Renovação religiosa em Portugal.

Vou abordar quatro pontos:

- 1. Renovação da Vida Religiosa em Portugal;**
- 2. O inverno da Vida;**
- 3. A sociedade Liberal e da República;**
- 4. A mulher.**

1. A renovação da Vida Religiosa em Portugal.

Toda a vida cristã é uma experiência de renovação. E sabemos que, muitas vezes, os impasses em que a experiência cristã - os movimentos, as dioceses - se encontram resultam, sobretudo, por as instâncias da vida cristã estarem mais preocupadas com coisas não essenciais. Teresa de Saldanha inscreve-se na prática do Evangelho. O Evangelho é contra a lógica do natural; que o homem se renove, que brote do homem velho o novo Adão.

Quando falamos de renovação religiosa, em Portugal, estamos a falar num sentido mais restrito temporalizado. Mas do ponto de vista religioso, a experiência cristã é de renovação, do tornar novo. O processo de canonização é para tomarmos consciência do que queremos fazer das nossas vidas.

As épocas e personalidades podem ser distintas, mas a autenticidade da vida cristã refere-se à ousadia de viver de outro modo. Não é repetir. A questão para Jesus era a ousadia de querer viver de outra maneira. É esta pergunta que podemos colocar a Teresa de Saldanha: Qual foi a sua ousadia? Pergunta que nos é lançada hoje: qual é a ousadia que temos para viver?

Teresa de Saldanha viveu numa época em que estava na ordem do dia o lugar da religião na sociedade, isto é, a revolução liberal, que foi uma ruptura profunda na sociedade Portuguesa, colocou como pedra fulcral o lugar da religião e da Igreja. Havia a interrogação para que é que isto servia: a maneira tradicional como a Igreja se organizava, nomeadamente a vida religiosa para que é que servia? Muitas vezes pensamos que estas questões são um ataque à Igreja, sobretudo porque a sociedade que existia se configurava com a própria Igreja. A Igreja era a mediadora e totalizadora por excelência da maneira como as pessoas organizavam a sua vida.

Teresa de Saldanha nasce numa época em que já se tinha dado a ruptura na sociedade e, nomeadamente, em Portugal. Questões que ainda hoje se colocam: qual é o lugar da religião? Qual é o lugar da vida religiosa? As questões permanecem ainda hoje. Esta disfunção que caracteriza a emergência da sociedade liberal.

O problema em Teresa de Saldanha, não é dizer que ela nasceu em 1837, mas, sim que 1837 corresponde a um momento em que a sociedade portuguesa entrava num processo, que ainda provavelmente não terminou, de profunda transformação. Era o passar de uma sociedade de corpo para uma sociedade de indivíduos e isto caracteriza a sociedade liberal marcada pela secularização. A religião não desaparece, mas ela é confrontada com o problema da liberdade e da autonomia. Havendo uma autonomia como é que a experiência cristã se enraíza, se articula; isto é, a autonomia política, moral, ética, económica, e ao mesmo tempo ao nível do religioso.

Teresa de Saldanha é contemporânea de um Portugal que se começa a dizer cristão. Quando Teresa nasce, nascem também as primeiras comunidades protestantes na Ilha da Madeira.

O processo de secularização é acompanhado pelo processo de laicização. Na sociedade contemporânea aparece esse elemento que vem a par da secularização, da existência de uma concorrência que apresenta interesses diferentes, por exemplo: a religião, os interesses do estado, as outras correntes religiosas.

Teresa de Saldanha é uma mulher que nasce na gestação desta sociedade. Nela celebramos, a um registo restrito no primeiro momento, a restauração da vida religiosa em Portugal. Mas, seria limitar muito, referir apenas o facto de ter fundado uma congregação em Portugal. Ao pensar em Teresa de Saldanha, nós temos que perceber que esta perspectiva de renovação da vida religiosa é mais ampla que a renovação da vida cristã. Eu penso que, apesar da enorme centralidade da fundação, seria reduzir o significado da sua vida. A questão é: como é que numa profunda mutação houve uma vida centrada em Jesus?

A vida religiosa no século XIX, surgiu como contraponto à sociedade. E isto é muito importante: lutar por uma experiência de vida religiosa consagrada, é uma não conformidade com o que existia, era uma ousadia, procurar viver de outra maneira. Teresa tentou dar corpo à maneira de viver de Jesus, formula um desejo e mobiliza o seu coração para Jesus. Ela tinha consciência de que, mais que restaurar o passado, (a sua família era liberal defensora dos seus princípios) a questão central para Teresa de Saldanha tratava-se de encontrar iniciativas de dar continuidade à experiência de fé, ou de garantir a institucionalização dessas experiências, mas estabelecer uma

forma, um percurso de realização pessoal que traduzisse uma aprofundada dedicação e consagração a Jesus, enquanto expressão radical de liberdade.

Em Teresa de Saldanha há a percepção clara de que a liberdade não é incompatível com a experiência cristã. Teresa de Saldanha foi uma mulher livre na família, na relação com as amigas, com a instituição eclesial, ela sabia lidar muito bem com as coisas para atingir os seus objectivos. Mas, há algo fundamental na realização pessoal na consagração a Jesus enquanto expressão de liberdade.

Teresa de Saldanha é uma mulher do seu tempo e, portanto, a realização individual não é secundário, ela não se agarrou a ser obsessivamente religiosa para fugir do mundo. Teresa de Saldanha sabe dirigir e lidar com as pessoas. O seu objectivo fundamental é criar um dinamismo, no qual se inscrevia também a fundação de uma ordem religiosa. Ela conhecia a complexidade do seu tempo, da sua Igreja e também o que constituía os grandes traços de renovação do cristianismo.

É interessante pensar nos seus 78 anos e no que iria no coração dessa mulher na véspera do 8 de Janeiro de 1916 e o seu olhar para trás e perguntar-se: o que significa tudo isto? De certa maneira, aquilo em que Teresa de Saldanha se empenhou ruiu. Numa carta de 1911, às Irmãs dos E.U.A. escreve: “passados 30 anos todas as casas que se abriram estão fechadas”. Contudo, ela tem a ousadia de ver as coisas de outra maneira, o que teria parecido um *desaire* levou-a a abrir casas onde ela nunca teria sonhado.

Teresa de Saldanha morre em pleno Inverno na cidade de Lisboa, morre no momento, em que as tropas portuguesas entravam em conflito na costa da Flandres, época socialmente agitada. Contudo, como todos os Invernos transportam Primaveras.

O Testamento de Teresa de Saldanha é a convicção de que, apesar de todos os invernos, a vida é mais forte do que a morte e que esta convicção nos desenvolve e devolve a responsabilidade da criatividade.

A Novidade de Teresa de Saldanha está aqui, não que ela tenha resposta, mas remetemos para a capacidade de responder à brancura e à luz da santidade. A santidade é Dom de Deus. A diáspora imposta leva à concretização de comunidades fora de Portugal, o Brasil já havia sido requisitado e os E. U. A. autonomizaram-se, transforma-se noutra congregação. Talvez nos pareça algo triste, mas temos de ver o surpreendente de que as coisas nascem para se autonomizarem.

Com prudência e determinação vemos, entre 1910 e 1915, o seu empenho em dar corpo a essas comunidades. Reconhecendo o risco, (inclusive o Mestre Geral dos Dominicanos chama a atenção para o perigo da dispersão), e tendo consciência do perigo e da fragilidade, procura dar sentido à Vida Religiosa, implementando a boa relação entre as Irmãs e a Comunidade. Mais que a questão institucional, Teresa de Saldanha, mesmo na última fase da sua vida e face aos desafios, valoriza a qualidade da Vida Religiosa. A Vida Religiosa era a oração em comum e a relação entre as Irmãs. Este é o maior desafio das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena, não são as obras, mas o que têm no coração e o que constroem umas com as outras e com os que estão à vossa volta.

Ao longo da sua vida, mais do que uma programação, (ela era muito metódica) Teresa quis ser fiel a um Amor que escolheu na sua juventude, esse Amor a Jesus, por uma vida espiritual e prática intensa que se traduziu no amor ao próximo. Na sua correspondência tinha sempre algo a pedir: um assunto, alguém a recomendar!

Por ter muita preocupação pelos outros, é que era atenta às coisas, e se comprometeu em determinadas iniciativas. Se temos de pedir algo a Deus, é de viver com a lucidez que Teresa de Saldanha teve, que é um grande Dom. Ter uma Fundadora até aos 78 anos que teve lucidez, iniciativa, preocupação pelos outros, é um grande dom, tendo sobretudo em conta a sociedade liberal.

2. Da sociedade Liberal à sociedade Republicana.

A sua vida atravessa um tempo fundamental da nossa história, como sociedade portuguesa. Esse período de 1833 foi muito decisivo. Teresa de Saldanha era de origem da alta nobreza e ligada à Casa Real, a família era liberal e profundamente envolvida em questões políticas. Teresa como católica podia vir de uma família legitimista, havia um confronto que durou muito tempo e, portanto, a questão da vida religiosa punha-se no interior de uma sociedade em conflito que atravessava a própria Igreja.

Portugal vive, mais ou menos, numa guerra civil. É nos anos quarenta do século passado que se restabelecem as relações diplomáticas com a Santa Sé e se entra num período de pacificação. A Concordata de 1848 estabelecia as relações entre a Igreja e o Estado Liberal: funcionalizava a Igreja e a Religião. A Religião da nação era a Católica Apostólica Romana e o Clero eram os funcionários do religioso. Muito do que hoje é o registo civil, na altura era feito pelos párocos.

É exactamente aqui, que se coloca o problema da renovação da Vida Religiosa, que passou a ser entendida como a experiência de homens e mulheres que podiam e deviam fazer uma acção para além da gestão do religioso.

Quando se põem estas questões, Teresa de Saldanha tem 20 anos. É nesta altura que um grupo de senhoras, à frente das quais se encontrava a sua mãe, pede ao Rei a vinda das Irmãs da Caridade para Portugal. Abre-se, então, a possibilidade de haver mulheres religiosas a tratar de problemas sociais, a partir do religioso. Isto levantou um grande problema.

É nessa altura que Teresa de Saldanha se dá conta da necessidade de criar uma congregação. Contudo, já antes tinha decidido entregar a sua vida a Jesus. Portanto, a dedicação interior que ela concretiza no pôr de pé uma congregação é para permitir aos cristãos uma experiência que estivesse fora do funcionalismo.

No fundo, quando aparece a ideia, e se lhe quer dar corpo, é preciso ir devagar e ter cautela, porque Teresa de Saldanha não é uma mulher qualquer, ela é de uma grande família ligada à Casa Real e o seu destino não podia ser um qualquer, nomeadamente no destino de mulher que, na época, era o casamento. Daí a grande crítica à Vida Religiosa porque subtraía ao casamento e, portanto, à reprodução da família, muitos membros.

Há uma conjugação profunda no seu traçar uma perspectiva de vida pessoal com as necessidades daquilo que a faz existir na sociedade e na Igreja. É esta conjugação que faz de Teresa de Saldanha fundadora.

Na fundação da congregação vê-se um percurso espiritual. Estando ela atenta à realidade, traduz a necessidade das Ordens Terceiras para a renovação da vida religiosa.

O quarto ponto: o facto de ela ser mulher.

Teresa de Saldanha impressiona-me pela inteireza de mulher que é voluntariosa, mulher com vontade, culta, interessada. Podia ser isto por causa da família de onde vinha, mas podia ter-se gasto nos salões de baile ou no teatro de São Carlos. Mas quem lê os textos da mulher que se confronta com o seu papel, com o seu estatuto, vê o que leva dentro. Teresa de Saldanha travou uma luta espiritual interessante, foi progressivamente renunciando àquilo que ela considerava que afastava de viver de acordo com a sua consagração a Jesus. Ela reorientou tudo o que tinha na vida e deu um sentido a isso.

Temos de articular três coisas em Teresa:

Primeiro a educação. Educar tem a ver, por um lado, com o Estado. O Estado também educa, mas havia o como educar cristãmente. A grande preocupação de Teresa de Saldanha não é ensinar, mas educar; por isso ela não faz diferenciação entre camadas sociais.

Segundo, as Obras em que Teresa de Saldanha se empenhou não se circunscreviam só à organização das coisas. Não é por acaso que ela manda as primeiras Irmãs formarem-se no estrangeiro, o ambiente espiritual em Portugal é pobre, daí a experiência da Irlanda. O catolicismo em ambiente anglo-saxónico vivia um tempo de grande renovação, daí o interesse que Teresa de Saldanha teve em não se fechar.

Criou uma realidade em Portugal, mas não quis que se enquistasse. Tem um sentido de identidade nacional forte, mas não quis estreitar a experiência cristã. Ela tem a percepção que se passava uma renovação da vida cristã noutros contextos e sabia que as experiências se fortaleciam se houvesse esses contactos.

O problema da vida religiosa, tal como eu o vejo como historiador, em Teresa de Saldanha é a percepção que ela tem de que a Vida Religiosa é um elemento fundamental para a liberdade na sociedade. Sem os instrumentos teóricos que nós temos hoje, posso afirmar que Teresa de Saldanha é uma mulher antes do Vaticano II, ela intuiu aquilo que o Concílio dizia, mas não está sozinha. Não podemos isolar Teresa de Saldanha, ela é uma das mulheres que no séc. XIX intuiu a importância da vida religiosa como lugar de realização da mulher e como experiência de liberdade para a Igreja e aqui não só a perspectiva da Vida Religiosa Consagrada.

Concluindo, em Teresa de Saldanha a renovação da vida religiosa confunde-se com esta perspectiva inovadora que é dizer que a vida religiosa é necessária à realização do homem e da mulher e à sua liberdade.

António Manuel Antunes de Matos Ferreira